

Para português ver (e ler): Lima Barreto e a presença brasileira na revista *A Águia* (1910-1932)

(For Portuguese to see (and to read): Lima Barreto and the Brazilian presence in *A Águia* (1910-1932) magazine)

Fernanda Suely Müller¹

¹Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo (FFLCH-USP/FAPESP)

fersmuller@hotmail.com

Abstract: In this paper we present a brief analysis on the Brazilian participation in *A Águia* (1910-1932) magazine mainly through the publication of texts by Lima Barreto and by other Brazilian writers (Ronald de Carvalho and Carlos Maul, for instance), published regularly on the editorial page “Seção Brasileira”. The magazine *A Águia* was one of the most important literary publications from Portugal at that time. We reflect upon how the magazine and other contemporary Luso-Brazilian publications improved the relationship between Brazil and Portugal on their pages.

Keywords: literary periodical press; luso-brazilian relationship; Lima Barreto; *A Águia* magazine.

Resumo: Neste trabalho pretendemos realizar uma sucinta análise da participação brasileira na revista *A Águia* (1910-1932) principalmente através da veiculação de textos de Lima Barreto e de outros autores nacionais (como Ronald de Carvalho e Carlos Maul, por exemplo), publicados regularmente na coluna “Seção Brasileira”. Tendo sido uma das revistas literárias mais importantes de Portugal e de grande relevo para o cenário cultural lusitano no início do século XX, pretendemos ainda refletir como a revista fomentou, assim como outros significativos órgãos da imprensa luso-brasileira no período, o “estreitamento de laços” entre Brasil e Portugal em suas páginas.

Palavras-chave: imprensa periódica literária; relações luso-brasileiras; Lima Barreto; revista *A Águia*.

Introdução

Em maio de 1910 surge, na cidade do Porto, a revista *A Águia*, que, desde o seu início, se configurou como um dos maiores empreendimentos editoriais portugueses do início do século XX e de singular relevância para as letras e cultura de seu país. Publicada até dezembro de 1932 em cinco séries, teve entre seus diretores nomes emblemáticos da sociedade intelectual lusitana na época, como Teixeira de Pascoaes, Antônio Carneiro, José de Magalhães, Leonardo Coimbra, Hernani Cidade, Teixeira Rego e Sant’Anna Dionísio, além do editor Álvaro Pinto.

No campo das letras, a revista exerceu relevante influência tanto estética quanto ideologicamente sobre parte considerável da intelectualidade portuguesa do primeiro vintênio do século XX, conciliando sob o denominador comum do nacionalismo literário diferentes vertentes. O periódico contou com a colaboração seleta de intelectuais de formação tão heterogênea como os já mencionados Leonardo Coimbra e Teixeira de Pascoaes (adeptos do *sobre-realismo* e do *saudosismo*), passando pelo *simbolista* Mário Beirão e até mesmo os *neogarretianos* Antônio Correia de Oliveira, Afonso Lopes Vieira, Jaime Cortesão e Augusto Casimiro. Entre o vasto elenco colaboradores ilustres incluíram-se também nomes como o de Veiga Simões, Bento de Oliveira Cardoso e Castro, Ronald de Carvalho, Augusto Santa Rita e o Visconde de Vila Moura.

O periódico foi, juntamente com o quinzenário *Vida Portuguesa* (dirigido por Jaime Cortesão), um dos principais expoentes e órgão fundamental da *Renascença Portuguesa* – importante movimento cultural português fundado logo após a proclamação da República Portuguesa (1910), que tinha como um de seus objetivos principais o de “promover a maior cultura do povo português, por meio da conferência, do manifesto, da revista, do livro, da biblioteca, da escola”. De fato, após o advento da República em Portugal, os intelectuais que estavam a favor do novo regime tentaram imprimir-lhe uma doutrina e uma literatura e, através da ação cultural, contribuir para aquilo que acreditavam ser a reconstrução da sociedade portuguesa, desmoralizada e abalada na sua *alma* pela degenerescência da monarquia constitucional. Assim, foi nesse contexto de nova *regeneração* que surgiram movimentos socioculturais como a *Renascença Portuguesa* que visavam, principalmente, a lidar com os graves problemas que a instauração da República não conseguira sanar sozinha e auxiliar como verdadeiros coadjuvantes de relevo sobretudo nas áreas educativa, social, econômica e religiosa.

O movimento tinha, como modelo escamoteado, um ideal nacionalista relacionado, no plano literário e filosófico, ao neogarrettismo e a um sebastianismo quase messiânico. Enquanto agrupamento de ação sócio-cultural, a *Renascença Portuguesa* desenvolveu uma notável atividade, com aspectos originais, obedecendo ao propósito de “dar conteúdo renovador e fecundo à revolução republicana” através da criação de universidades populares, exposições, concertos e conferências, por exemplo. Teve como principal mentor, especialmente até 1916, Teixeira de Pascoaes, com a sua teoria do *saudosismo* e, numa segunda fase, Leonardo Coimbra.

Sendo um legítimo representante de uma espécie de “segmento” luso-brasileiro de imprensa vigente na época, o periódico contou com a importante contribuição de personalidades ilustres tanto de aquém quanto além-mar além das já citadas, como Fernando Pessoa, Hernani Cidade, Antônio Sérgio, Jaime Cortesão, Raul Brandão, Lima Barreto, Coelho Neto, Vicente de Carvalho, Gonzaga Duque, Homero Prates, Carlos Maul, entre outros.

Publicada numa época particularmente fértil para as publicações que visava a abranger os leitores e as culturas de Brasil e Portugal,¹ foi considerada por Saraiva (2004, p. 89) como uma das revistas luso-brasileiras do período que “mais lutou para impedir o progressivo apagamento da cultura portuguesa no Brasil, ou tão só para manter vivos os laços culturais entre portugueses e brasileiros”. Com efeito, a presença brasileira se fez constante no periódico, não só pela colaboração regular de escritores brasileiros mas, igualmente, na figura de seus representantes no país (como Almáquio Diniz na Bahia, por exemplo) que também atuavam como polos aglutinadores da cultura luso (brasileira) que a revista pretendia difundir no país. A partir da publicação de sua segunda série (1912), por exemplo, já tínhamos registros da venda de *A Águia* no país em lugares como Rio de Janeiro, Pará, Manaus, Pernambuco, Bahia e, em 1919, em cidades como Porto Alegre, Curitiba, Curvelo e São Paulo, por exemplo.

¹ Além da revista *A Águia* (1910-1932), podemos citar também, como títulos de periódicos luso-brasileiros do período, as revistas *Ilustração Portuguesa* (1903-1924), *Atlântida* (1915-1920), *Serões* (1901-1911), *Ocidente* (1848-1915) e *Brasil-Portugal* (1899-1914), por exemplo. Tal elenco integra o *corpus* da pesquisa de Doutorado que estamos desenvolvendo com o apoio da FAPESP (processo número 07/55142-3), que tem como um de seus objetivos principais o de investigar as relações culturais e literárias luso-brasileiras intermediadas por essas revistas literárias.

Contudo, é a partir do ano de 1920 que observamos a ação mais profícua para o “estreitamento das relações luso-brasileiras” por parte da *Renascença Portuguesa*, com a transferência de Álvaro Pinto, um dos editores da *Águia*, para o Brasil. Bem como assinala ainda Saraiva (2004, p. 20):

É a ida de Álvaro Pinto para o Brasil, em março de 1920, que gera tão curiosa situação [a impressão da revista no Rio de Janeiro, onde também funcionava parte da redação]. Nessa altura, que é também a que os homens da *Renascença Portuguesa* julgam mais apropriada para criar a Sociedade Luso-Brasileira, para fundar a editora *Anuário do Brasil*, e para incrementar a “obra de expansão e intercâmbio intelectual entre as duas nações”, é bem mais notória na revista a presença do Brasil [...] e dos escritores brasileiros, ainda que por vezes em transcrições, que de resto podem falar de obras portuguesas. Mas a colaboração brasileira era já um hábito da revista. Por esta já tinham passado vários escritores, alguns dos quais se moviam em águas pré-modernistas ou pós-simbolistas: Vicente de Carvalho, Coelho Neto, Lima Barreto, Gonzaga Duque, Homero Prates, João Luso, Carlos Maul, Ronald de Carvalho, etc.

Nesse sentido, neste trabalho pretendemos analisar brevemente como se deu efetivamente a presença verde-amarela nessa primeira fase de publicação do periódico (correspondente a uma boa parte da segunda série de *A Águia*), principalmente através dos textos de Lima Barreto (1881-1922) ali veiculados, o conteúdo da coluna “Seção Brasileira”² e, ainda, refletir sobre o “inoportuno” e ansioso “estreitamento de laços” entre as nações promovido pela revista.

O Brasil na revista *A Águia* (1910-1932)

Sublinhamos, abaixo, os textos que individuamos acerca da “presença brasileira” no periódico na “Seção Brasileira” até 1920:³

Volume	Data	Coluna	Título	Autor
No. 4	Abril 1912	Seção Brasileira	Atração da Terra	Coelho Neto
No. 6	Junho 1912	Seção Brasileira	Atração da Terra (parte II)	Coelho Neto
No.6	Junho 1912	Seção Brasileira	Carolina Augusta (dedicado a Coelho Neto)	Costa Macedo
No.7	Julho 1912	Seção Brasileira	Eça de Queirós	Mateus de Albuquerque
No.8	Agosto 1912	Seção Brasileira	Os covas	Costa Macedo
No.13	Janeiro 1913	Seção Brasileira	O inválido (dedicado a “Mme. Coelho Neto”)	Tomas Lopes
No.13	Janeiro 1913	Seção Brasileira	O trágico fim de um caçador de símbolos	Carlos Maul

² A partir de 1920, sob a batuta de Álvaro Pinto regendo a parte brasileira da revista, a coluna específica para os assuntos nacionais passa a ser chamada de “Cartas do Brasil”. Para saber mais detalhes sobre a ação de Álvaro Pinto como intermediador cultural entre Brasil e Portugal, conferir, por exemplo, SOUZA, Raquel dos Santos Madanêlo. Um intelectual imigrante Álvaro Pinto e o projecto de intercâmbio Portugal-Brasil. In: *V Congreso Europeo CEISAL de latinoamericanistas*, 2007, Bruxelas. Disponível em: <http://www.reseau-amerique-latine.fr/ceisal-bruxelles/MS-MIG/MS-MIG-3-MADALENO-SOUZA.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2010.

³ Os títulos assinalados com o sinal asterisco (*) correspondem à publicação de textos poéticos.

No.16	Abril 1913	Seção Brasileira	O manuscrito da Condessa solitária	Carlos Maul
No.16	Abril 1913	Seção Brasileira	O cisne branco*	Antonio Carneiro
No.18	Junho 1913	Seção Brasileira	Esfinge*	Abner Mourão
No.22	Outubro 1913	Seção Brasileira	Um e outro	Lima Barreto
No.22	Outubro 1913	Seção Brasileira	Primavera selvagem	Lindolfo Xavier
No.23	Novembro 1913	Seção Brasileira	O profeta da vida*	C. da Veiga Lima
No.23	Novembro 1913	Seção Brasileira	O poema da minha terra (sonho do imperador)*	Carlos Maul
No.24	Dezembro 1913	Seção Brasileira	A montanha que amou o céu (a Jaime Cortesão)*	Carlos Maul
No.25	Janeiro 1914	Seção Brasileira	Ilibiscus Mirabilis (Malva ou a Rosa Louca)*	Emilio de Menezes
No.29	Maio 1914	Seção Brasileira	Ankises*	Carlos Maul
No.31	Julho 1914	Seção Brasileira	O soneto da Amphora ou a morte de Byblis / Ophelia *	Ronald de Carvalho
No.35	Novembro 1914	Seção Brasileira	D. João*	Carlos Maul
No.37	Janeiro 1915	Seção Brasileira	O irreal na arte	Ronald de Carvalho
No.39	Março 1915	Seção Brasileira	A Zagala (a Carlos Maul)	Costa Macedo
No.39	Março 1915	Seção Brasileira	A hora em penumbra e ouro (dedicada a Nuno Simões e a Eugênio de Castro)	Ronald de Carvalho
No. 40	Abril 1915	Seção Brasileira	Como o “homem” chegou (parte I)	Lima Barreto
No.41	Maio 1915	Seção Brasileira	Como o “homem” chegou (parte II)	Lima Barreto
No.41	Maio 1915	Seção Brasileira	A morte de Silvano	Carlos Maul
No.42	Junho 1915	Seção Brasileira	Primeira ebriez- I Spleen- II Fumo- III*	Ronald de Carvalho
No.43	Julho 1915	Seção Brasileira	Do ano, da beleza e da vida*	Ronald de Carvalho
No.47	Novembro de 1915	?	Sangra vida*	Gonzaga Duque
No.51	Março de 1916	?	Balada*	Ronald de Carvalho
No.55	Julho de 1916	?	Cantos de Outono*	Mateus de Albuquerque
No.55	Julho de 1916	?	O Gigante desperta*	Carlos Maul
No.65/66	Maio/junho 1917	?	Bocage	Olavo Bilac
No.73/74	Janeiro/fevereiro 1918	?	De Roca ao Norte (Caminha e Brasil)	Luciano Pereira da Silva
No.75/76	Março/abril 1918	?	A nódoa de tinta	Julião Machado
No.77/78	Maio/ junho 1918	?	Dea Palmaris	Celso Vieira

Como podemos notar, foi bem expressiva a publicação de textos de autores nacionais nesse período. No total foram contabilizados trinta e nove textos de escritores brasileiros que, congregados às diversas correntes estéticas literárias existentes no período (passando desde o parnasianismo até o modernismo, por exemplo), certamente representaram uma amostra significativa da literatura aqui produzida para o leitor português, principal público-alvo do periódico.

O poeta, jornalista e escritor petropolitano Carlos Maul (1887-1974) e o poeta carioca Ronald de Carvalho (1893-1935), por exemplo, foram os escritores brasileiros que mais contribuíram com *A Águia*, bem como aponta Saraiva (2004, p. 91):

De todos os escritores brasileiros citados, dois houve que se distinguiram pela assiduidade. Um deles foi Carlos Maul que, como Almáquio Dinis, chegou a ser publicado em Portugal: o seu livro *Ankises* (1914) editou-o a *Renascença Portuguesa* depois de ter aparecido como simples colaboração de *A Águia*. Maul também chegou a corresponder-se com Mário de Sá-Carneiro, e tornou-se íntimo de Luís de Montalvor; mas não entrou no *Orpheu*, como entrou Ronald de Carvalho, que foi outro colaborador assíduo, com prosa e verso, de *A Águia*, e que acabaria por ser o único brasileiro que, tal como o português Antônio Ferro, viu o seu nome ligado estreitamente ao Modernismo português e brasileiro.

Com efeito, além dos já citados, emergiram nas páginas de *A Águia* outros nomes de escritores praticamente desconhecidos nos dias de hoje, como o do advogado, jornalista, escritor e parlamentar capixaba Abner Mourão (1890-1957) e do poeta e também jornalista paranaense Emílio de Menezes (1866-1918), ao lado de verdadeiros ícones das letras nacionais do período, como Olavo Bilac (1865-1918) e Lima Barreto (1881-1922), do qual trataremos mais detalhadamente.

Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) exerceu a profissão de jornalista e foi um dos escritores brasileiros mais importantes do século XX. Crítico mordaz de sua época, não compactuou com o espírito de um nacionalismo de cunho ufanista vigente da República Velha e denunciou com muita veemência os bastidores desse sistema político que, pretendendo-se “novo”, mantinha, contudo, os privilégios de famílias aristocráticas e dos militares obtidos desde os regimes passados. Em sua produção militante, privilegiou retratar a camada mais humilde da população, tendo sido severamente criticado por seus contemporâneos por seu estilo coloquial, que acabou influenciando posteriormente os escritores modernistas. Intelectual engajado, Barreto acreditava que, através da literatura, poderia criticar a sociedade circundante para possibilitar a criação de alternativas renovadoras dos costumes e de práticas que privilegiavam apenas um número restrito de pessoas e grupos.

De origem modesta, era filho do mulato nascido escravo João Henrique de Lima Barreto e de Amália Augusta, filha de escrava agregada da família Pereira Carvalho. Apesar da vida difícil, conseguiu ter acesso a uma boa educação formal, passando a frequentar a escola pública de Teresa Pimentel do Amaral após o falecimento de sua mãe. Alguns anos mais tarde cursou o Liceu Popular Niteroiense, graças ao intermédio de seu então padrinho, o Visconde do Ouro Preto. Em 1895, transferiu-se para a única instituição pública de ensino secundário da época, o prestigiado Colégio Pedro II. Ainda no ano de 1895 fora admitido no curso da Escola Politécnica, no Rio de Janeiro, mas foi obrigado a abandoná-lo em 1904 para assumir o sustento dos irmãos, como decorrência direta do agravamento da doença mental de seu pai. Com efeito, o escritor, que só teve o reconhecimento formal de

sua relevância para as letras brasileiras após seu prematuro falecimento, também pereceu muito com o alcoolismo e com sua instabilidade emocional, caracterizada por crises de profunda depressão e morbidez que o levou, por vezes, a ser internado em instituições psiquiátricas.

Tendo sido reiteradamente reprovado por não conseguir acompanhar as aulas rigorosamente, deixou de graduar-se em Mecânica. Data ainda dessa época a sua entrada no Ministério da Guerra como amanuense (por concurso), que, somado à pouca remuneração que recebia por sua colaboração intensa na imprensa da época, constituíam sua principal fonte de renda e meio de subsistência. Ao que tange a sua colaboração na imprensa, Lima Barreto inicia-a desde seu período de estudante em 1902, escrevendo regularmente em *A Quinzena Alegre*, no *Tagarela*, em *O Diabo* e na *Revista da Época*. Em 1905 inicia a sua colaboração em jornais de maior tiragem como o *Correio da Manhã*. A partir deste momento, passa a colaborar em vários jornais e revistas como a *Gazeta da Tarde*, *Jornal do Comercio*, *Careta*, *Fon-Fon*, *Floreal*, *Correio da Noite*, *A Noite*, *A.B.C.*, em *A Lanterna*, no semanário *Brás Cubas*, *Hoje*, *Revista Souza Cruz* e *O Mundo Literário*. Em 1909 estreia oficialmente como escritor ficcional, publicando, em Portugal, o romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. O universo retratado por Lima Barreto nesse primeiro livro, entremeado de incontestáveis traços autobiográficos, revela de maneira exemplar uma severa crítica à sociedade brasileira de sua época, por ele como extremamente hipócrita e preconceituosa e na qual até mesmo as redações das gazetas quotidianas no período eram alvos de sua crítica desconcertante. Em 1911 começou a publicação, em formato de folhetim no *Jornal do Commercio*, de uma de suas obras mais significativas, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, que posteriormente fora editado em formato brochura e considerado pela crítica especializada como uma das principais obras produzidas no período Pré-Modernista.

Embora as suas obras fossem relativamente bem recebidas pelo público em geral, tal fato nem coibia ou impedia que o autor sofresse severas críticas de outros escritores da época. Quase sempre os críticos coevos o censuravam pelo fato de Barreto não escrever no mesmo tom “afetado” que vigorava no período e ainda porque o autor utilizava em suas obras uma variação do português coloquial, linguagem corrente de uma “imprensa militante”, do qual fazia parte. Do mesmo modo, as personagens barretianas incomodavam-nos pelo fato de também não se adequarem aos padrões vigentes e, não por acaso, Lima Barreto foi indeferido em todas as vezes que tentou ingressar na Academia Brasileira de Letras. A respeito de seus ferozes inimigos críticos, Lima acusava-os de fazerem da literatura não uma arte e sim algo mecânico, uma espécie de “continuação do exame de português jurídico”. Simpatizante do Movimento Anárquico, publicou com afinco em publicações de orientação socialista. Tendo sua história de vida marcada pelo vício do alcoolismo e pelas constantes internações em clínicas psiquiátricas - ocorridas principalmente durante suas crises severas de depressão - faleceu precocemente aos 41 anos de idade. Deixou como legado uma obra de dezessete volumes, entre contos, crônicas e ensaios, além de crítica literária, memórias e uma vasta correspondência. Grande parte de seus escritos foi publicada postumamente.

Na revista *A Águia*, como vimos, Lima Barreto publicou os contos “Um e outro” (edição número 22, de outubro de 1913) e “Como o homem chegou”, dividido em duas partes (edições 40 e 41, de março e abril de 1915, respectivamente). Inseridos na coluna

“Seção brasileira”, tais textos integram o conjunto dos primeiros contos produzidos por Barreto (juntamente com “Um especialista”, “O filho de Gabriela”, “A nova Califórnia”, “O homem que sabia javanês” e “Miss Edith e seu tio”), que são considerados pela crítica hodierna como algumas de suas melhores narrativas.

No primeiro conto, “Um e outro”, Lima Barreto critica o casamento por conveniência através da personagem Lola, uma espanhola que, emigrando pobre para o Brasil, logo abandonou o esposo para tornar-se a amante de luxo do homem que fora seu patrão. Espécie de “devoradora de homens”, Lola mantinha ao mesmo tempo outros amantes igualmente ricos e poderosos, mas nutria grande afeição somente ao rude motorista que dirigia o carro luxuoso mantido por seu então marido. O romance acaba quando Lola perde o encanto e a atração por seu amante predileto ao descobrir que ele passara a dirigir um simples táxi.

Já em “Como o ‘homem’ chegou”, temos uma sátira muito direta à burocracia, às instituições (polícia, política, imprensa, ciência) e à sociedade de maneira geral. Escrita em 1914, num momento particularmente difícil da vida do autor (logo após a sua primeira internação em hospício, levado num carro forte da polícia, a chamado do próprio irmão), o conto se configura como uma narrativa um pouco desordenada que visa a realizar um elenco e panorama dos problemas do país, bem à maneira já retratada em o *Triste fim de Policarpo Quaresma*. O enredo gira em torno da história da prisão de Fernando (o “homem” do título), astrônomo manauara um tanto excêntrico e vítima do julgamento de sua família (que o considerava louco) e do despeito de doutor Barrado, que invejava seus conhecimentos. Para atender ao pedido de um político influente, a polícia do Rio de Janeiro é requisitada para buscar Fernando em Manaus, em um carro forte, puxado por dois burros. O retorno ao Rio de Janeiro dura quatro anos e, no final da jornada, Fernando chega morto. Composta basicamente por personagens satirizadas, como bem podemos depreender a partir dos nomes das personagens da trama (delegado Cunsono, chefes políticos Samambaia, Jati e Sofonias, senador Melaço, doutor Sili, doutor Barrado, poeta Machino, jornalista Cosmético, antropólogo Tucolas e ministro Semicas), os únicos e escassos contrapontos positivos na narrativa são o astrônomo, o professor de um dos lugarejos onde a caravana para e um dos burros. De modo geral, notamos que as personagens são, na verdade, meras caricaturas e até mesmo o protagonista, tratado a sério, não chega a ser propriamente uma individualidade. É autêntico protótipo do homem culto, tornado excêntrico, numa sociedade corrupta.

Em livro, bem como aponta Oséias Silas Ferraz, na introdução da obra barretiana organizada por ele – apud Barreto (2005, p.7) – os contos supracitados só foram publicados como apêndice da primeira edição de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, também de 1915 e, portanto, parece que a revista *A Águia* foi o primeiro órgão da imprensa a publicar “Um e outro”; em relação ao “Como o homem chegou”, se não foi também a pioneira, o veiculou quase contemporaneamente à sua edição em brochura.

A revista foi responsável, no entanto, por outro acontecimento que marcaria profundamente a vida do literato promissor: a sua aproximação com Monteiro Lobato. De fato, como assinala o próprio Lobato em correspondência ao seu amigo Godofredo Rangel (datada de 1 de outubro de 1916), foi através da revista *A Águia* que o autor de *Urupês* toma conhecimento sobre Lima Barreto e sua produção:

Conheces Lima Barreto? Li dele, na *Águia*, dois contos, e pelos jornais soube do triunfo do *Policarpo Quaresma*, cuja segunda edição já lá se foi. A ajuizar pelo que li, este sujeito me é romancista de deitar sombras em todos os coevos e coelhos, inclusive o Neto. Facilimo na língua, engenhoso, fino, dá impressão de escrever sem torturamento – ao modo das torneiras que fluem uniformemente a sua corda d’água. Vou ver se encontro um *Policarpo* e aí o terás. Bacoreja-me que temos pela proa o romancista brasileiro que faltava. (LOBATO, 1964, t. 2, p. 108)

Neste ponto cabe-nos uma ressalva. Na apresentação do volume sobre a correspondência entre Lima Barreto e Monteiro Lobato,⁴ Francisco de Assis Barbosa pondera que a empolgação de Lobato ocasionara dois equívocos que foram reproduzidos na carta a Rangel a partir de sua leitura “errônea” de *A Águia*:

Tanto entusiasmo justifica dois enganos de Lobato: na *Águia*, revista do grupo da *Renascença Portuguesa*, editada no Porto, sob a direção de Teixeira de Pascoaes e Antonio Carneiro, só apareceu um conto de Lima Barreto: “Um e outro” (número 22, 2ª. série, outubro de 1913, pp.111-118). Quanto à 2ª. edição do Triste Fim de Policarpo Quaresma é de 1943 (embora dita 3ª edição), vinte e sete anos depois da primeira, dezesseis anos depois da morte do romancista. A menos que Monteiro Lobato estivesse tendo em conta, como 1ª edição, a publicação feita em folhetins do *Jornal do Comércio*.

Assinalamos portanto que, no que tange a revista *A Águia*, quem cometeu algum equívoco foi o próprio Barbosa pois, como já constatamos, os dois contos citados por Lobato em sua epístola foram de fato publicados no periódico. Contudo, apesar da falha, é ainda através desse esmerado estudo da correspondência entre Lima Barreto e Monteiro Lobato que soubemos exatamente quando se dá esse primeiro contato entre os escritores, por iniciativa de Lobato. Então editor da paulistana *Revista do Brasil*, pertencente ao grupo editorial do jornal *O Estado de São Paulo*, ele convida Barreto a ser colaborador do periódico em correspondência datada de setembro de 1918:

São Paulo, 02 set.1918.
Prezadíssimo Lima Barreto

A *Revista do Brasil* deseja ardentemente vê-lo entre os seus colaboradores. Ninho de medalhões e perobas, ela clama por gente interessante, que dê coisas que caiam no gôto do público. E Lima Barreto, mais do que nenhum outro, possui o segredo de bem ver e melhor dizer, sem nenhuma dessas preocupaçõe-zinhas de *toilette* gramatical que inutiliza metade de nossos autores. Queremos contos, romances, o diabo, mas à moda do *Policarpo Quaresma*, da *Bruzundanga*, etc. A confraria é pobre, mas paga, por isso não há razão para Lima Barreto deixar de acudir ao nosso apelo.
Aguardamos, pois, ansiosos a resposta, uma resposta favorável.

Do confrade
Monteiro Lobato
P.S. – Pelo amor de Deus, leia e rasgue isto. L.

Como já afirmamos alhures, Lima Barreto, sendo um assíduo colaborador da imprensa no período, pareceu ter acolhido de muito bom grado o convite de Lobato e lhe propõe a

⁴ Cf. BARBOSA, Francisco de Assis. Monteiro Lobato. In: BARRETO, Lima. *Correspondência*. São Paulo: Brasiliense, 1956, tomo II, p. 48.

publicação do livro *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Em novembro de 1918, após terem chegado a um acordo quanto os cálculos e possíveis formas de pagamento à Barreto, este lhe envia, junto com o contrato assinado, um exemplar de *Isaiás Caminha*, livro sobre o qual Lobato escreve a Rangel:

Como ainda estou de resguardo e preso em casa, leio como nos bons tempos de Taubaté. Fechei neste momento um romance de Lima Barreto, *Isaiás Caminha*. É dos legíveis de cabo a rabo. Romancista de verdade. Amanhã vou assinar com ele contrato para a edição dum livro novo, *Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá*, cujos originais já estão aqui. A letra é infamérrima e irregularíssima. Há trechos em que o autor positivamente cambaleia, e outros em que para para “destripar o mico.” Mas quanto talento e do bom! (LOBATO, 1964, t. 2, p. 186)

Quase todas as cartas trocadas entre os ilustres escritores, a partir de então, giraram em torno do andamento do trabalho para a publicação e provas a serem revistas pelo autor. Em 28 de dezembro de 1918, Lobato chega inclusive a interromper o trabalho de revisão do novo livro para enviar-lhe novamente suas impressões:

Recebi as últimas provas, e acabo de rever eu mesmo os primeiros capítulos do teu livro. Que obra preciosa estás a fazer! Mais tarde será nos teus livros e nalguns de Machado de Assis, mas sobretudo nos teus, que os pósteros poderão “sentir” o Rio atual com todas as suas mazelas de salão por cima e Sapucaia por baixo. Paisagens e almas, todas, está tudo ali. (BARRETO, 1956, p. 55)

Contudo, apesar dos esforços e do entusiasmo de ambos, o livro não teve o retorno esperado em vendas, fato que foi justificado por Lobato ao título pouco chamativo. A troca de ideias e impressões sobre o mundo que os cercava através das cartas, opiniões sobre as respectivas obras, “retalhos” de jornal com resenhas que despertassem o interesse mútuo ainda continuou por algum tempo. Uma história de amizade epistolar iniciada pelas páginas da revista portuguesa *A Águia*, nutrida pelo amor que ambos demonstravam pela literatura e fomentada pelo grande interesse que tinham em pensar e escrever o Brasil de sua época, mas precocemente interrompida pela morte de Barreto em 1922.

Desse modo, esperamos ter conseguido demonstrar como essa imprensa “lusoportuguesa” vigente no período – e aqui representada legitimamente pela revista *A Águia* – se configurou como um legítimo órgão de reflexão da(s) cultura(s) nacional(is) naquele momento e verdadeiro local privilegiado para o intercâmbio da literatura produzida no Brasil e Portugal, ainda que tal “diálogo” artístico não fosse o principal mote de tais publicações tal como podemos constatar analisando o conjunto desses periódicos na pesquisa de doutoramento que estamos concluindo. Embora tais revistas se declarassem “lusobrasileiras” e objetivassem portanto “desfazer o desconhecimento mútuo de ambos os países” ao divulgar Portugal no Brasil e vice-versa, o que observamos é que tais periódicos, na verdade, produziam e repercutiam um discurso *contínuo* e incontinente dos valores e do ideal de comunidade lusobrasileira que queriam propagar e que, não por acaso, servia de “plataforma” para o re-estabelecimento do moral lusitano nesse momento tão particular para a história de Portugal. Assim, o que percebemos a partir da leitura global dos artigos que compõem nosso *corpus* é que Portugal tentava a todo custo re-instaurar e manter no Brasil uma espécie de “hegemonia” cultural, valendo-se principalmente da imprensa como ferramenta de manobra para atingir seus objetivos.

Contudo, é inegável o lugar de destaque d'*A Águia* como ponte e catalisador cultural luso-brasileiro no período. Fazendo nossas as palavras de Saraiva (2004, p. 92), ao concordarmos que “sem ela o intercâmbio cultural entre Portugal e Brasil nas décadas de 1910 e 1920 teria sido bem mais pobre”, acreditamos ser fundamental o aprofundamento dos estudos dessas (in)certas relações através da imprensa pois, como vimos, se afirma como um autêntico e significativo fragmento para a *re*-construção da história cultural de (e entre) ambos os países no início do século XX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, F. A. Monteiro Lobato. In: BARRETO, Lima. *Correspondência*. São Paulo: Brasiliense, 1956, tomo II, p. 48.

BARRETO, L. *Correspondência*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

_____. *Contos reunidos*. (org. de Oséias Silas Ferraz). Belo Horizonte: Crisálida, 2005.

LOBATO, M. *A barca de Gleyre*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1964.

SARAIVA, A. *O modernismo brasileiro e português: subsídios para o seu estudo e para a história das suas relações*. Campinas: UNICAMP, 2004.

SOUZA, R. S. M. Um intelectual imigrante Álvaro Pinto e o projecto de intercâmbio Portugal-Brasil. In: CONGRESO EUROPEO CEISAL DE LATINOAMERICANISTAS, V, 2007, Bruxelas. Disponível em: <http://www.reseau-amerique-latine.fr/ceisal-bruxelles/MS-MIG/MS-MIG-3-MADALENO-SOUZA.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2010.